A PALAVRA, O ESPÍRITO E A ALMA

Uma análise pentecostal da psicologização do púlpito e dos limites das abordagens psicológicas no meio cristão.



Pr. Carlos Renato

A PALAVRA, O ESPÍRITO E A ALMA

Uma análise pentecostal da psicologização do púlpito e dos limites das abordagens psicológicas no meio cristão.

O presente artigo analisa, a partir de uma perspectiva bíblica e pentecostal, a crescente utilização de categorias psicológicas na pregação, no aconselhamento pastoral e na compreensão da vida espiritual. A exposição parte da distinção entre psicologia como campo de investigação humana, psicanálise como uma escola específica de compreensão da mente e psicoterapia como prática de tratamento psicológico, contrastando esses modelos com a antropologia bíblica e com a doutrina pentecostal acerca da atuação do Espírito Santo. Argumenta-se que a psicologia pode descrever determinados aspectos do comportamento e da experiência humana, mas não deve ocupar, no púlpito, o lugar da revelação bíblica, nem substituir conceitos fundamentais da fé cristã, como pecado, arrependimento, regeneração e santificação.

A partir da Bíblia Sagrada na versão Almeida Corrigida Fiel (ACF), Revista da Escola Bíblica Dominical e de autores pentecostais publicados pela Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD), especialmente Stanley M. Horton, William W. Menzies, Myer Pearlman e Antônio Gilberto da Silva, sustenta-se a suficiência normativa das Escrituras para a vida cristã e a indispensabilidade do Espírito Santo na transformação do crente. O artigo também reconhece a necessidade de discernimento para que a crítica à psicologização não resulte na rejeição indiscriminada de conhecimentos médicos.

Palavras-chave: psicologia; psicanálise; psicoterapia; psicologização; púlpito; antropologia bíblica; Espírito Santo; santificação; pentecostalismo.

INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea é profundamente influenciada pela linguagem psicológica. Termos como “trauma”, “gatilho”, “autoestima”, “feridas emocionais”, “limites”, “processamento emocional” e “saúde mental” tornaram-se parte do vocabulário cotidiano. Esse fenômeno também alcançou os cristãos.

Não é incomum encontrar sermões, livros, conferências e aconselhamentos cristãos estruturados predominantemente a partir de métodos psicológicos. O problema teológico não está na utilização de determinada palavra ou no reconhecimento da experiência do sofrimento emocional. A principal questão é qual “autoridade” pode determinar que tipo de “linguagem” será aplicada dentro do contexto teológico.

Quando argumentos psicológicos são utilizados apenas como diagnóstico de determinados problemas, a discussão é uma. Porém, quando passam a determinar o que é o problema fundamental do homem, qual é sua origem e qual é a solução definitiva para esse problema, surge uma questão de natureza teológica.

Nesse ponto, torna-se necessário perguntar:

Pode o púlpito cristão adotar uma antropologia predominantemente psicológica sem comprometer a antropologia bíblica?

A pergunta é especialmente importante para a tradição pentecostal, cuja teologia enfatiza tanto a autoridade das Escrituras quanto a atuação presente do Espírito Santo.

A Teologia Sistemática: Uma Perspectiva Pentecostal, organizada por Stanley M. Horton e publicada pela CPAD, apresenta os grandes temas da fé cristã dentro de uma perspectiva explicitamente pentecostal.

Assim, este artigo não pretende sustentar que todo conhecimento psicológico seja inútil ou que todo sofrimento humano seja simplesmente resultado de pecado pessoal. O objetivo é chamar atenção a grande necessidade dos limites teológicos que possam frear uma ferramenta humana que está tentando se transformar em autoridade espiritual.

A ORIGEM DA PSICOLOGIA MODERNA

Da filosofia à ciência psicológica

A reflexão sobre a alma humana é antiga. Filósofos gregos e posteriormente pensadores cristãos discutiram questões relacionadas à alma, razão, vontade, emoções e comportamento muito antes do surgimento da psicologia científica.

A psicologia moderna, entretanto, desenvolveu-se como disciplina acadêmica independente, especialmente no século XIX.

Wilhelm Wundt ocupa posição importante nessa história. Seu laboratório de psicologia experimental em Leipzig, estabelecido em 1879, é frequentemente considerado um marco institucional da psicologia moderna.

Thomas H. Leahey apresenta o desenvolvimento histórico da disciplina desde suas raízes filosóficas até as diferentes escolas modernas.

Essa origem é importante porque demonstra que psicologia moderna e antropologia bíblica possuem histórias epistemológicas diferentes.

A primeira desenvolveu métodos de investigação da experiência e do comportamento humano.

A segunda começa com a revelação de Deus.

AS PRINCIPAIS CORRENTES E SEUS MÉTODOS

Não existe uma única psicologia.

Existem diferentes escolas, teorias e métodos.

Behaviorismo

John B. Watson propôs, em 1913, que a psicologia deveria concentrar-se no comportamento observável e investigável objetivamente.

B. F. Skinner desenvolveu posteriormente uma análise comportamental baseada nas relações entre comportamento e ambiente.

Nesse modelo, a explicação do comportamento não depende necessariamente de categorias espirituais.

Psicanálise

Sigmund Freud desenvolveu a psicanálise a partir de uma concepção específica do funcionamento psíquico, enfatizando processos inconscientes, conflitos internos, desejos e repressões.

Sua compreensão do homem diverge profundamente da antropologia cristã tradicional. Isso não significa que todas as observações freudianas devam ser simplesmente descartadas, mas que o cristão precisa distinguir

entre observar determinado comportamento humano e aceitar toda a cosmovisão antropológica que sustenta uma determinada teoria.

Psicologia humanista

Carl Rogers desenvolveu a abordagem centrada na pessoa, dando grande importância à experiência subjetiva, à relação terapêutica e ao desenvolvimento pessoal.

Aqui encontramos uma diferença particularmente importante para a discussão cristã.

A psicologia humanista tende a colocar forte ênfase na capacidade do indivíduo de desenvolver-se e realizarse.

A Bíblia, porém, não coloca a autorrealização no centro da existência. Cristo está no centro.

"Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim." Gálatas 2:20 — ACF

Psicologia cognitiva

A psicologia cognitiva e a terapia cognitiva passaram a enfatizar a relação entre pensamentos, interpretações, emoções e comportamentos.

Aaron Beck foi uma figura fundamental no desenvolvimento da terapia cognitiva.

Há aqui uma observação importante para o cristão: reconhecer que pensamentos influenciam comportamentos não é incompatível com a Bíblia.

A própria Escritura ordena:

"E não sede conformados com este mundo, mas sede transformados pela renovação do vosso entendimento." Romanos 12:2 — ACF

A diferença está na fonte e no objetivo da transformação.

A Bíblia não ensina simplesmente a reorganização cognitiva para produzir bem-estar.

Ela ensina renovação do entendimento para que o crente possa experimentar a vontade de Deus.

COMO A PSICOLOGIA DIAGNOSTICA O QUE NÃO É PALPÁVEL?

Essa pergunta precisa ser tratada com precisão.

A psicologia clínica não afirma observar diretamente uma entidade espiritual chamada "alma".

Os sistemas contemporâneos de diagnóstico psicológico e psiquiátrico utilizam manifestações observáveis, relatos do indivíduo, história clínica, padrões comportamentais e critérios diagnósticos.

O Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders, DSM-5-TR, constitui uma referência contemporânea para classificação diagnóstica em psiquiatria.

Portanto, seria incorreto afirmar simplesmente que "a psicologia diagnostica a alma".

Ela procura diagnosticar condições psicológicas e psiquiátricas a partir de manifestações acessíveis à investigação clínica.

A questão teológica permanece:

Uma avaliação clínica do funcionamento psicológico equivale ao conhecimento da alma humana em sentido bíblico?

A resposta é não.

A Bíblia afirma que Deus conhece o interior humano de maneira que nenhum instrumento humano pode reproduzir:

“Eu, o SENHOR, esquadrinho o coração, eu provo os rins...”

Jeremias 17:10 — ACF Davi

declara:

“Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração; prova-me, e conhece os meus pensamentos.”

Salmos 139:23 — ACF

Portanto, devemos distinguir:

avaliação clínica da experiência humana de conhecimento divino do coração.

A ANTROPOLOGIA BÍBLICA

A Bíblia começa sua compreensão do homem em Deus:

“E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou.”

Gênesis 1:27 — ACF

O homem não é apresentado como um organismo autônomo cuja finalidade última é a própria realização.

Ele é criatura.

Foi criado por Deus.

Pertence a Deus.

Responde diante de Deus.

E deve viver para a glória de Deus.

Paulo escreve: “Porque dele e por ele, e para ele, são todas as coisas; glória, pois, a ele eternamente. Amém.”

Romanos 11:36 — ACF Essa diferença é fundamental.

A psicologia pode perguntar:

“Como o homem funciona?”

A antropologia bíblica também pergunta:

“Para quem o homem existe?”

O CORAÇÃO NA BÍBLIA

A Bíblia utiliza a palavra “coração” para falar da interioridade humana.

“Sobre tudo o que se deve guardar, guarda o teu coração, porque dele procedem as fontes da vida.”

Provérbios 4:23 — ACF Jesus afirma:

“Porque do interior do coração dos homens saem os maus pensamentos, os adultérios, as prostituições, os homicídios.”

Marcos 7:21 — ACF

A linguagem bíblica não pode simplesmente ser reduzida à terminologia psicológica moderna.

O “coração” bíblico envolve pensamento, vontade, desejos, intenções e orientação moral.

Por isso, a Bíblia não apenas pergunta:

“O que você fez?”

Ela também pergunta:

“Qual foi a intenção do seu coração?”

O PROBLEMA CENTRAL DO HOMEM: PECADO

Aqui está uma das maiores diferenças entre a antropologia bíblica e muitas abordagens contemporâneas.

A Bíblia afirma:

“Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus.”

Romanos 3:23 — ACF

O problema fundamental da humanidade é a separação de Deus causada pelo pecado.

Isso não significa que todo sofrimento psicológico seja pecado pessoal.

Significa que nenhuma antropologia cristã pode eliminar o pecado como origem fundamental da condição humana.

Quando o púlpito transforma pecado em mera “disfunção”, algo fundamental foi perdido.

Quando a culpa diante de Deus é transformada simplesmente em “culpa tóxica”, também se perde algo.

Quando arrependimento é substituído por mera compreensão do passado, o evangelho é alterado.

FERIDA NÃO SUBSTITUI PECADO

A pessoa pode ter sido profundamente ferida por outros.

A Bíblia reconhece sofrimento, injustiça e perseguição.

Entretanto, a dor sofrida não concede autorização para pecar.

Paulo ordena:

“Toda a amargura, e ira, e cólera, e gritaria, e blasfêmia e toda a malícia sejam tiradas dentre vós.” Efésios 4:31 — ACF

“Perdoando-vos uns aos outros, como também Deus vos perdoou em Cristo.”

Efésios 4:32 — ACF

O evangelho não nega a ferida.

Mas também não permite que a ferida determine nossa obediência.

AUTOESTIMA OU IDENTIDADE EM CRISTO?

Outro ponto de tensão é a crescente centralidade da autoestima.

A Bíblia não ensina desprezo patológico por si mesmo.

Entretanto, o centro da identidade cristã não é o “eu” É Cristo.

Paulo afirma:

“Porque para mim o viver é Cristo, e o morrer é ganho.”

Filipenses 1:21 — ACF

“Já estou crucificado com Cristo...”

Gálatas 2:20 — ACF

O cristianismo não promete simplesmente que o indivíduo descobrirá uma versão melhor de si mesmo.

Ele anuncia que o pecador pode morrer para o velho homem e viver uma nova vida em Cristo.

AUTORREALIZAÇÃO OU SANTIFICAÇÃO?

A cultura moderna frequentemente pergunta:

"Como posso alcançar meu máximo potencial?" A

Bíblia pergunta:

"Como posso viver para a glória de Deus?" Paulo

declara:

"Quer comais quer bebais, ou façais outra qualquer coisa, fazei tudo para glória de Deus." 1

Coríntios 10:31 — ACF

O objetivo da vida cristã é santificação.

"Porque esta é a vontade de Deus, a vossa santificação."

1 Tessalonicenses 4:3 — ACF

Portanto, a mensagem do púlpito não deve ser construída em torno da autorrealização, mas da conformidade com Cristo.

O NOVO NASCIMENTO

Jesus não ensinou que o homem precisa simplesmente desenvolver habilidades emocionais melhores.

Ele ensinou: "Necessário vos é nascer de novo."

João 3:7 — ACF

Esse novo nascimento é obra do Espírito:

"O que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do Espírito é espírito."

João 3:6 — ACF

Nenhuma técnica humana pode produzir regeneração espiritual.

Nenhuma psicoterapia pode gerar o novo nascimento.

Nenhum método de desenvolvimento pessoal pode substituir a obra da graça.

O ESPÍRITO SANTO E A TRANSFORMAÇÃO

A teologia pentecostal coloca a atuação do Espírito Santo no centro da vida cristã.

Horton trata extensivamente da pessoa e da obra do Espírito Santo em sua Teologia Sistemática, dentro de uma perspectiva pentecostal. CPAD.

A Escritura declara:

"E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, para que fique convosco para sempre."

João 14:16 — ACF O

Espírito Santo:

Convence;

Regenera;

Guia;

Consola;

Santifica;

Capacita;

Produz fruto;

Concede dons.

Jesus declarou:

“E, quando ele vier, convencerá o mundo do pecado, e da justiça e do juízo.”

João 16:8 — ACF

Essa é uma obra que nenhum método psicológico pode reproduzir.

ESPÍRITO SANTO E SANTIFICAÇÃO

A santificação não é simplesmente uma melhoria comportamental.

É uma obra de Deus na vida do crente.

Paulo afirma:

“Andai em Espírito, e não cumprireis a concupiscência da carne.”

Gálatas 5:16 — ACF

“Mas o fruto do Espírito é: amor, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança.”

Gálatas 5:22–23 — ACF

A literatura pentecostal sobre santificação também enfatiza a participação dinâmica do Espírito nesse processo. Lyle Story, por exemplo, descreve a santificação paulina como envolvendo provisão divina, processo de crescimento e consumação futura.

Portanto, uma pregação genuinamente pentecostal não deve apresentar o Espírito apenas como aquele que produz experiências extraordinárias.

O Espírito também produz caráter santo.

PALAVRA E ESPÍRITO

Uma das maiores correções necessárias é abandonar a falsa oposição:

Palavra versus Espírito.

O padrão bíblico é:

Palavra e Espírito.

Jesus orou:

“Santifica-os na tua verdade; a tua palavra é a verdade.”

João 17:17 — ACF E

Paulo escreveu:

“Mas todos nós, com rosto descoberto, refletindo como um espelho a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória na mesma imagem, como pelo Espírito do Senhor.”

2 Coríntios 3:18 — ACF A

Palavra revela a verdade.

O Espírito aplica a verdade.

Cristo é o centro da verdade.

A igreja proclama a verdade.

O crente é transformado pela graça.

O PÚLPITO NÃO DEVE SER TRANSFORMADO EM CONSULTÓRIO

Paulo não ordenou a Timóteo:

“Analisa psicologicamente a congregação.” Ordenou:

“Prega a palavra.” 2

Timóteo 4:2 — ACF

E acrescenta:

“Porque virá tempo em que não suportarão a sã doutrina...”

2 Timóteo 4:3 — ACF

Esse texto é extremamente atual.

Existe uma tentação permanente de adaptar a mensagem para aquilo que as pessoas desejam ouvir.

Uma mensagem pode tornar-se popular porque:

Consola sem confrontar;

Promete autoestima;

Explica o passado;

Evita falar de pecado;

Evita arrependimento;

Apresenta soluções rápidas.

Mas o púlpito não foi estabelecido para produzir apenas conforto.

Ele foi estabelecido para proclamar a verdade de Deus.

QUANDO A PSICOLOGIZAÇÃO SUBSTITUI A PREGAÇÃO

Podemos visualizar a substituição desta maneira:

Categoria bíblica pela substituição psicologizante;

Pecado por disfunção;

Arrependimento por processamento;

Perdão por encerramento emocional;

Santificação por desenvolvimento pessoal;

Fé em Deus por confiança em si mesmo;

Identidade em Cristo por autoestima;
Domínio próprio por autorregulação;
Oração por técnica de enfrentamento;
Palavra por ferramenta de reflexão;
Espírito Santo por recurso emocional;
Cruz por superação; e
Evangelho por mensagem terapêutica.
Existem termos que até são úteis em seu próprio campo.
A crítica é à substituição.
Quando o conceito psicológico deixa de ser uma ferramenta descritiva e passa a ocupar o lugar da autoridade das escrituras, temos um problema teológico.

A PSICOLOGIZAÇÃO NÃO DEVE SER CONFUNDIDA COM CUIDADO

É importante evitar um segundo erro.
Criticar a psicologização não significa dizer que a igreja deve desprezar o sofrimento humano ou que toda pessoa em sofrimento necessita de apenas "orar mais".
A Bíblia ordena cuidado:
"Levai as cargas uns dos outros, e assim cumprireis a lei de Cristo."
Gálatas 6:2 — ACF A
igreja deve ouvir.
Deve chorar com os que choram.
Deve aconselhar.
Deve orar.
Deve ensinar.
Deve corrigir.
Deve cuidar.
Mas o cuidado cristão precisa permanecer teologicamente cristão.

NÃO DEVEMOS PSICOLOGIZAR TUDO, NEM DEMONIZAR TUDO

Esse equilíbrio é fundamental.
A crítica à psicologização não autoriza a igreja a afirmar que todo sofrimento psicológico é possessão demoníaca.
Também não autoriza afirmar que toda doença seja resultado de pecado individual.
Jesus rejeitou uma interpretação simplista do sofrimento em João 9:
"Nem ele pecou nem seus pais; mas foi assim para que se manifestem nele as obras de Deus." João 9:3 — ACF

O pastor precisa ter discernimento, que inclusive só vem como soberania da distribuição do dom do Espírito Santo.

Existe sofrimento causado por pecado.

Existe sofrimento causado por injustiça.

Existe sofrimento decorrente da fragilidade humana.

Existe enfermidade.

Existe opressão espiritual.

Existem situações complexas e difíceis de compreender. Neste caso a oração para que de Deus venha a revelação se faz muito necessária.

Por isso, a resposta cristã precisa ser bíblica e prudente.

PSICOLOGIA, PSICANÁLISE E PSICOTERAPIA NÃO SÃO SINÔNIMOS

Outro ponto que o púlpito precisa compreender é que esses termos não são equivalentes.

Psicologia é um campo amplo de investigação e atuação relacionado ao comportamento e aos processos psicológicos.

Psicanálise é uma tradição teórica e clínica específica, fortemente associada a Sigmund Freud e posteriormente desenvolvida por diferentes escolas.

Psicoterapia refere-se a diferentes modalidades de tratamento psicológico.

Portanto, não é correto falar simplesmente:

"A psicologia diz..." sem perguntar: qual psicologia? qual escola? qual autor? qual pressuposto antropológico?

Essa distinção torna a crítica cristã mais séria e evita caricaturas.

A QUESTÃO DA RELIGIÃO DOS FUNDADORES

A história também exige cuidado.

Os fundadores e principais representantes dessas correntes não compartilhavam necessariamente a mesma visão religiosa.

Freud, por exemplo, desenvolveu uma crítica bastante conhecida à religião, enquanto outros autores da psicologia possuíam relações diferentes com a fé.

Portanto, não seria academicamente correto dizer:

"Todos os fundadores da psicologia eram ateus." Isso seria uma generalização.

Da mesma forma, também seria incorreto concluir que uma teoria é necessariamente falsa simplesmente porque seu autor possuía determinada posição religiosa.

A crítica cristã deve concentrar-se principalmente nos pressupostos antropológicos e epistemológicos das teorias, e não apenas na biografia religiosa de seus autores.

O CONHECIMENTO HUMANO E A SABEDORIA DE DEUS

A Bíblia reconhece os limites da sabedoria humana.

Paulo escreve:

“Porque a loucura de Deus é mais sábia do que os homens; e a fraqueza de Deus é mais forte do que os homens.”

1 Coríntios 1:25 — ACF

“Onde está o sábio? Onde está o escriba? Onde está o inquiridor deste século? Porventura não tornou Deus louca a sabedoria deste mundo?”

1 Coríntios 1:20 — ACF

O argumento de Paulo não é que todo conhecimento humano seja inútil.

O contexto trata da incapacidade da sabedoria humana de produzir salvação.

Esse princípio é decisivo. Uma ferramenta humana não pode ocupar o lugar da revelação divina naquilo que diz respeito à salvação e à vida espiritual.

A SUFICIÊNCIA DAS ESCRITURAS

A suficiência das Escrituras não significa que a Bíblia seja um manual técnico de todas as disciplinas humanas. Significa que ela é suficiente como revelação de Deus para aquilo que Deus determinou revelar e para conduzir seu povo na fé e na obediência.

Paulo afirma:

“Toda a Escritura é divinamente inspirada, e proveitosa para ensinar, para redarguir, para corrigir, para instruir em justiça.”

2 Timóteo 3:16 — ACF

“Para que o homem de Deus seja perfeito, e perfeitamente instruído para toda a boa obra.”

2 Timóteo 3:17 — ACF

A Escritura, portanto, não precisa ser complementada por uma teoria psicológica para tornar-se Palavra de Deus.

A CENTRALIDADE DE CRISTO

Finalmente, existe uma pergunta que deve governar toda pregação, ensino, aconselhamento, oração, gabinete pastoral, visita, evangelização, publicações, livros, conferências, congressos, EBO, etc.:

Cristo está no centro?

Paulo afirma:

“Porque nada me propus saber entre vós, senão a Jesus Cristo, e este crucificado.”

1 Coríntios 2:2 — ACF

Essa declaração confronta profundamente a tendência de transformar o púlpito em espaço de ministração motivacional.

A igreja não existe primariamente para ensinar as pessoas a administrarem melhor o seu ego.

Existe para anunciar Jesus Cristo.

Ele é:

Salvador;
Senhor;
Redentor;
Cabeça da Igreja;
Mediador;
Aquele que regenera;
Aquele que santifica;
Aquele que batiza com o Espírito Santo e com Fogo.

CONCLUSÃO

A psicologia moderna possui uma história própria, métodos próprios e diferentes escolas de pensamento. A psicanálise possui pressupostos específicos. A psicoterapia apresenta diferentes modelos de intervenção.
O cristão pode estudar esses campos para fins de adquirir conhecimento, porém o vocacionado por Deus se os estudar, o fará com o exemplar da Bíblia ao lado comparando e refutando cada ideia que se oponha as sagradas letras.
Existe uma diferença fundamental entre estudar uma disciplina e submeter o púlpito à sua antropologia.
O púlpito cristão não pode abandonar a essência da revelação bíblica.
O homem é criatura de Deus.
O homem caiu em pecado.
O pecado separa o homem de Deus.
Cristo morreu pelos pecadores.
O homem precisa nascer de novo.
O Espírito Santo regenera e santifica.
A Palavra de Deus é viva e eficaz.
A igreja deve pregar o evangelho.
A santificação é vontade de Deus.

Portanto, a igreja não deve trocar:
Pecado por mera ferida;
Arrependimento por autoconhecimento;
Santificação por autorrealização;
Identidade em Cristo por autoestima;
Oração por técnica;
Palavra por método;
Espírito Santo por terapia.

Mas também não deve trocar:

Discernimento por demonização;

Cuidado por negligência;

Fé por ignorância;

Espiritualidade por desprezo irresponsável do conhecimento humano.

O caminho pentecostal bíblico é o caminho da Palavra e do Espírito.

Portanto a psicologia pode descrever aspectos da experiência humana, mas não deve ocupar no púlpito a autoridade normativa que pertence às Escrituras; e nenhum tratamento humano pode substituir a obra regeneradora e santificadora do Espírito Santo.

Paulo resume a vocação da igreja:

"E ele mesmo deu uns para apóstolos, e outros para profetas, e outros para evangelistas, e outros para pastores e doutores, querendo o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para edificação do corpo de Cristo."

Efésios 4:11–12 — ACF

A finalidade do ministério não é produzir pessoas simplesmente ajustadas psicologicamente.

É edificar o corpo de Cristo e conduzir o povo à maturidade espiritual.

Pelos laços que nos une no Calvário, vosso conservo em Cristo,

Pastor Carlos Renato.

Pastor Carlos Renato é Pastor Setorial da Assembleia de Deus Ministério Missão em Santo André – SP (CGADB). Diretor e Professor de Teologia Da Escola de Ensino Teológico das Assembleias de Deus do Brasil – EETAD em Santo André – SP. Responsável pelos trabalhos missionários no estado do Ceará e interior de São Paulo. Teólogo, Missiólogo, Articulista, Escritor, Bacharel em Ciências Contábeis, Pós-Graduações com MBA em Auditoria, Finanças, Gestão Pública, Controladoria, Contabilidade e Perícia Contábil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÍBLIA. Bíblia de Estudo Pentecostal. Tradução de João Ferreira de Almeida (Edição Revista e Corrigida). Rio de Janeiro: CPAD, 1995.

BÍBLIA. Português. Bíblia Sagrada: Almeida Corrigida Fiel. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 2011.

HORTON, Stanley M. (ed.23º). Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD, 2023.

HORTON, Stanley M.; MENZIES, William W. Doutrinas Bíblicas: Os Fundamentos da Fé Pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD,1995.

PEARLMAN, Myer. Conhecendo as Doutrinas da Bíblia. Rio de Janeiro: CPAD, 2009.

SILVA, Antonio Gilberto. Teologia Sistemática Pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

LEAHEY, Thomas H. A History of Psychology: From Antiquity to Modernity. 8. ed. New York: Routledge, 2018.

WATSON, John B. Psychology as the Behaviorist Views It. Psychological Review, v. 20, n. 2, p. 158–177, 1913.

SKINNER, B. F. Science and Human Behavior. New York: Free Press, 1953.

FREUD, Sigmund. The Future of an Illusion. New York: W. W. Norton, 1961.

FREUD, Sigmund. Civilization and Its Discontents. New York: W. W. Norton, 1961.

ROGERS, Carl R. On Becoming a Person: A Therapist's View of Psychotherapy. Boston: Houghton Mifflin, 1961.

BECK, Aaron T. Cognitive Therapy and the Emotional Disorders. New York: International Universities Press, 1976.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders: DSM5-TR. 5. ed., texto revisado. Washington, DC: American Psychiatric Association Publishing, 2022.

FEE, Gordon D. God's Empowering Presence: The Holy Spirit in the Letters of Paul. Peabody: Hendrickson, 1994.

ALETTI, Mario. Atendimento Psicológico e Direção Espiritual: Semelhanças, Diferenças, Integrações e Confusões. Psicologia: Teoria e Pesquisa, v. 24, n. 1, p. 117–126, 2008.

CERQUEIRA-SANTOS, Elder; KOLLER, Sílvia Helena; PEREIRA, Maria Teresa Lisboa Nobre. Religião, saúde e cura: um estudo entre neopentecostais. Psicologia: Ciência e Profissão, v. 24, n. 3, p. 82–91, 2004.

DUARTE Fernando Luiz e Emílio N. de Carvalho, Religião e psicanálise no Brasil contemporâneo: novas e velhas Weltanschauungen, Revista de Antropologia, v. 48, n. 2, p. 473-500, São Paulo, Universidade de São Paulo (USP), 2005.